

**IRMANDADES DOS HOMENS PRETOS EM GOIÁS NO SÉCULO XVIII: UM  
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA,  
NO INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA.**

SABRINA ALVES DA SILVA & WELSON RIBEIRO MARQUES.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS.

AGÊNCIA FINANCIADORA: CAPES/PIBID.

COORDENADORES DE ÁREA PIBID: FABIANE COSTA OLIVEIRA & RAINER  
GONÇALVES SOUSA.

PROFESSOR(A) SUPERVISOR(A) DA ESCOLA PARTICIPANTE: DANYLLO DI  
GIORGIO

**Resumo:** Esse artigo é um relato de experiência no Programa Institucional de Bolsa da Iniciação à Docência (PIBID). A experiência se deu no Instituto Federal de Goiás no Campus Aparecida de Goiânia, em turma de 2º ano do Ensino técnico de Química integrado ao médio, na disciplina de história, que teve como objetivos a análise da relação entre africanos(seus descendentes) e europeus (seus descendentes) na colônia portuguesa Brasil, elegendo como recorte temporal o século XVIII e espacial a capitania de Goiás, de modo a compreender as razões de assimilação de aspectos culturais pelos homens e mulheres negros por meio das irmandades dos homens pretos e evidenciando essas como espaços de resistência cultural e de sobrevivência para negros escravizados e forros, em busca de mobilidade e equidade social, utilizando para isso fonte histórica e historiografia pertinente ao tema. De modo, se busca uma aproximação do discente com a história local, estimulando a análise crítica e interpretativa dos contextos históricos. A intervenção foi resultado de pesquisa e planejamento e em sua execução buscou articular exposição e diálogo com o alunado. Ao final se evidenciou que alguns objetivos planejados não foram contemplados na execução, mediante o resultado da atividade aplicada aos discentes, porém para o processo formativo docente houve êxito, uma vez que se evidenciou pontos que necessitam ser melhor desenvolvidos na didática e metodologia, ficando o desejo de dar o devido retorno aos alunos que participes da intervenção.

**Palavras-Chave:** *Irmandades, Resistência, História.*

## **INTRODUÇÃO**

Esse artigo tem por finalidade compartilhar a experiência vivenciada no processo de construção e execução de intervenção em aula de história, realizada pelos bolsistas da CAPES, por meio do Programa Institucional de Bolsa da Iniciação à Docência (PIBID), cujo intento foi o de buscar um olhar para a temática da resistência negra por meio das irmandades

dos homens pretos, no período colonial deste território que posteriormente veio a ser o país Brasil, um aspecto subexplorado no ensino da história de Goiás na educação básica.

Em busca de consolidar arcabouço teórico, orientou se pela historiográfica pertinente ao tema como o trabalho Maria Lemke Loiola, obra base para a elaboração da intervenção e orientadora da pesquisa para o planejamento. A intervenção intentou construir o conhecimento compartilhado entre bolsistas e discentes, educador e aluno, objetivando o exercício de análise de fonte em sala de aula.

## **A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

O tema proposto para ser trabalhado na intervenção, inicialmente, foi: Relações culturais entre africanos e europeus na formação do Brasil, cuja a abordagem deveria trabalhar com a perspectiva da resistência dos africanos escravizados, em quilombos e com as insurgências, no território colonial, que veio a se tornar o Brasil, porém no decorrer do processo de pesquisa, se evidenciou a necessidade de realizar o recorte espacial, para que houvesse a aproximação dos discentes ao tema, por meio de abordagem da temática na história de Goiás. E ao situar regionalmente se buscou contemplar outra forma de conservação de laços pelos africanos e seus descendentes que não fora comumente abordada no ensino de história, e neste sentido as Irmandades religiosas dos homens pretos no século XVIII, foi o recorte temático escolhido.

O tema foi apresentado ao professor supervisor que prontamente recebeu a ideia e teceu orientações para a elaboração do plano de intervenção a ser executado em 14/06/2016. O passo seguinte foram a pesquisa de historiografia sobre a temática.

A pesquisa foi centrada em trabalhos que abordassem as irmandades e os sujeitos das irmandades dos homens pretos, seus hábitos e essas associações na capitania de Goiás no século XVIII, e assim foram usadas as obras de MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Do Corpo Místico de Cristo: irmandades e confrarias na capitania de Goiás (1736-1808)*; João José Reis – *Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão*; Maria Lemke Loiola – *Trajelórias atlânticas, percussos para a liberdade: africanos e*

descendentes na Capitania dos Guayazes; Maristela dos Santos Simão – *As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII* e dialogando com a área disciplinar da linguagem foi utilizado o trabalho de Luana D. Silva e Maria Helena de Paula – *Linguagem e cultura: considerações sobre os homens pretos da irmandade de “Arraýal de Bomfim de Goýaz”*. *Linguagem– Estudos e Pesquisa*.

Em Goiás no século XVIII, segundo aponta Cristina de Cássia Pereira Moraes, um dos critérios substanciais que contribuíram para a fixação dos colonos foi a sua religiosidade, “[...] o descobrimento dos veios auríferos na predita região atraiu homens e mulheres, e sua fixação e organização social e política ocorreram a partir de sua organização religiosa [...]”. (MORAES, 2012, p.30). A religiosidade unia os colonos e contribuía para a sua fixação, já que somente a busca pelo ouro se mostra incapaz de explicar tal enraizamento, segundo a autora “(...) o sentimento religioso e a busca do sagrado, aspectos que uniam todos os arrivistas, contribuíram para que estes se irmanassem, organizando-se em sociedade, e seu enraizamento (...)”. (MORAES, 2012, p.69). Ou seja, o sentimento religioso comum, predominantemente na época, unia os laços das pessoas e contribuía para o seu ingresso nas irmandades.

Conforme aponta o estudo de João José Reis, as irmandades na colônia se organizavam pelo critério da cor, haviam irmandades de brancos, mulatos e negros e dentro de cada havia subdivisões. No caso das irmandades dos homens pretos, seus membros se aglutinavam de acordo com a nação de origem, uma maneira de constituição de identidade, e nelas construía estruturas organizativas, laços de solidariedade entre si e de negociação com outras irmandades.

As de pretos se subdividiam nas de crioulos e africanos. Estas podiam se fracionar ainda de acordo com as etnias de origem – ou, como se dizia na época, as “nações” –, havendo as de angolanos, benguelas, jejes, nagôs etc.

A distinção étnico-nacional constituía a lógica de estruturação social das confrarias no Brasil. Nesse ponto os africanos pouco inovaram, apenas se adaptaram ao ambiente. O surpreendente é constatar quão bem eles se adaptaram e, a partir daí, criaram micro-estruturas de poder, conceberam estratégias de alianças, estabeleceram regras de sociabilidade, abriram canais de negociação e ativaram formas de resistência. (REIS, João José. 1996, p. 4).

O trabalho de Maria L. Loiola foi fundamental para compreensão de quem eram os africanos traficados para a Capitania de Guayazes e seus descendentes, sua condição social e suas estratégias políticas em busca da liberdade e sobrevivência, situando as irmandades como

um espaço de sociabilidade, que auxiliava na reconstituição dos costumes africanos e para o qual convergiam libertos e escravizados, estes últimos em menor número, em busca de amparo em vida e para a morte.

Apesar de haver poucos escravos nas irmandades de pretos na freguesia de Meya Ponte, estas associações de leigos tiveram importância significativa no processo de recriação cultural dos africanos. Os mina, como Gaspar, e os cativos de Cocal auto-intitulados “naturaes da Etiópia,” – única referência à África nos compromissos de irmandades – encontraram uma forma de sobreviver ao cativo, construída não somente com suas capelas, mas principalmente pelos laços de solidariedade que os uniam em torno de objetivos comuns, mesmo que esse fosse garantir uma morte decente. (LOIOLA, Maria Lemke. 2008, p.81).

Ainda que a estratégia de algumas autoridades e senhores de escravos, fosse a de permitir a associação de cativos às irmandades católicas como forma de controle, elas se tornaram espaços nos quais africanos desraizados, cativos e forros gozavam de certa autonomia.

Para a Igreja, as Irmandades constituíam uma forma bastante efetiva de incentivar a conversão do africano que chegava à América. Por outro lado essas populações imprimiam suas características nessas associações. Dentro de uma sociedade escravista fortemente hierarquizada e repressiva e na qual se encontrava grandes dificuldades para suas expressões culturais públicas, estes espaços constituíam um lugar privilegiado para o exercício das sociabilidades e manifestações que, muitas vezes, remetiam a suas origens em África. (SIMÃO, Maristela dos Santos. 2010, p.91).

Esse espaço de sociabilidade, enquanto lugar de preservação dos signos e expressões culturais, foi o objeto de estudo das autoras Luana D. Silva e Maria Helena de Paula, que procuraram, articulando história e teoria da linguagem, apresentando o vocabulário como um dos indícios de resistência dos africanos traficados para a colônia portuguesa na América do Sul. Elas restringiram sua pesquisa aos homens pretos da irmandade do “Arraial de Bonfim de Goyaz” nos anos de setecentos. As autoras recorrem ao trabalho de Loiola, na construção de chaves interpretativas para o contexto sócio-histórico e cultural de modo a auxiliar na interpretação das escolhas lexicais que constam no livro de compromissos da já citada irmandade.

o vocabulário apresentado no livro de estatuto da comunidade de preto do “Arraial de Bonfim de Goyaz” nos permite conhecer, por meio da língua, o modo de organização desse grupo de falantes, o contexto social e histórico pelo qual passaram os seus associados. (DUARTE SILVA, Luana; DE PAULA, Maria Helena. 2012, p.83.).

Com base no referencial levantado se buscou estruturar uma proposta de intervenção na qual fosse possível, a construção do conhecimento sobre as relações culturais entre africanos e europeus no território que se tornou o Brasil, a partir da assimilação de aspectos da religião católica, praticada pelos portugueses, por africanos (escravizados e forros) e seus descendentes, por meio das irmandades dos homens pretos, como eram chamadas as associações religiosas vinculadas a igreja católica, cujos associados eram negros africanos ou seus descendentes, e desta maneira evidenciando uma estratégia de resistência cultural e mudança da condição social.

## **PLANO DE INTERVENÇÃO**

Findada a pesquisa acerca da proposta, se procedeu com a elaboração do plano de intervenção. O primeiro ponto foi o estabelecimento dos objetos a serem alcançados, em termos de construção de conhecimento junto aos discentes, cujo intento foi o de buscar compreender as relações entre africanos e europeus através das irmandades religiosas dos pretos. Porém se objetivou realizar a análise dessas relações na sociedade colonial em Goiás no século XVIII, explicitando as condições dos negros escravizados e livres e diante disto caracterizando as irmandades como um espaço de resistência diante da imposição de uma assimilação cultural, compreendendo essas associações como instrumentos na promoção de mudanças das condições sociais dos africanos e seus descendentes escravizados e forros.

A intervenção foi planejada para 45 minutos, o que corresponde a metade da aula de 90 minutos que o professor regente dispõe para ministrar a aula da disciplina, na qual os 45 minutos iniciais estariam sob responsabilidade do mesmo, em turma do 2º ano do ensino técnico em Química integrado ao ensino médio, com 30 alunos, e para a qual os recursos didáticos seriam: giz, lousa e documento textual.

Diante do tempo disponível o planejamento foi realizado para aula expositiva e dialogada, cuja estratégia de execução foi estruturada em dois momentos. Para o primeiro momento foram reservados 20 minutos e projetados três passos que deveriam constituir, mediante a participação dos discentes, o quadro introdutório e explicativo, com base na historiografia, acerca do contexto histórico do período e das irmandades dos homens pretos.

Para o segundo momento se reservou 25 minutos, pois para este foi planejada a análise de fonte histórica com a participação dos alunos, por meio de questionamentos direcionadores. Então se elegeu como fonte um trecho do Livro de registro de óbitos de Meia Ponte 1760-1776, que trata da morte de Gaspar um homem preto, forro da nação Mina, em 10/09/1776<sup>1</sup> e os rituais fúnebres por ele solicitado em testamento. A finalidade de uso deste documento foi a identificar os sujeitos e os objetos, observando os aspectos de assimilação e resistência cultural. E ao final a entrega de atividade com uso de documento histórico e texto historiográfico, a ser realizada em casa, e explicação da mesma.

## **DESCRIÇÃO DA EXECUÇÃO**

A intervenção foi marcada para ser ministrada no dia 14 de junho de 2016, no terceiro horário do período matutino, às 10horas e 50minutos, conforme planejada para 45 minutos, porém no dia da intervenção, faltando 10 minutos para a mesma, o professor supervisor avisou que a sua introdução seria um aspecto geral e duraria cerca de dez minutos sendo o tempo restante administrado pelos bolsistas, ou seja, a aula teve que ser readaptada para 80 minutos.

No início da intervenção o professor supervisor avisou aos alunos sobre a mesma e apresentou os bolsistas. Explicitou sobre o atraso no conteúdo, devido aos eventos ocorridos na escola parceira, e fez um rápido resumo sobre o processo de colonização para o interior do Brasil, ocorrido através das entradas e bandeiras, e em seguida concedeu a palavra para os bolsistas. No início foi explicado sobre o recorte temporal e espacial feito para a ministração da intervenção (do litoral brasileiro no século XVII para o estado de Goiás no século XVIII). A intervenção seguiu o modelo de aula dialogada e expositiva, procurando sempre fazer com que os alunos fossem instigados a exporem suas ideias e conhecimentos para que assim os mesmos pudessem ser problematizados. Partindo de questões norteadoras como: Quem eram as pessoas que habitavam Goiás no século XVIII? Qual era a condição do negro e do branco? Que religião era a vigente? E a medida que os alunos respondiam as mesmas foram anotadas

---

1 Documento se encontra na obra LOIOLA, Maria Lemke. *Trajetórias atlânticas, percursos para a liberdade: africanos edescendentes na capitania dos guayazes*. 2008, p.12.

na lousa, sendo usadas para principiar a aula em face do interesse de se partir do saber prévio dos alunos.

Com a questão “Quem eram as pessoas que habitavam Goiás no século XVIII?” os alunos reponderam: “Colonos, índios e escravos”, para a questão “Qual era a condição do negro e do branco?” eles fizeram referência a “Senhor e escravo” e, para terceira indagação: “Que religião era a vigente?” foi respondido “Católica”. Nas respostas dos discentes pode ser identificado que eles não separaram o negro do escravo, e a única relação entre negros e brancos para eles se referia a condição dada pelo processo de escravidão. Tais afirmações se mostraram produtivas para o início de um processo de problematização e desconstrução desse conhecimento, que se limitava ao senso comum. A aula seguiu com a exposição do tema da aula, e conteúdo articulando com a participação dos discentes e esquematização na lousa das palavras chaves, a turma se mostrou bastante participativa. Durante a intervenção foram usados os trabalhos das autoras Maria Lemke Loiola e Cristina de Cássia Pereira Moraes, para a exposição do conteúdo e foi dito a turma como obra dessas nos auxiliavam a pensar a questão das irmandades dos homens pretos. Os discentes manifestaram muitas dúvidas sobre a questão da religiosidade dos escravos membros das irmandades, em relação a religião que eles tinham na África e outras questões acerca dos dogmas católicos e sobre a organização (social, política e administrativa) da cidade de Vila Boa de Goiás no século XVIII. Procurou-se responder as dúvidas dos alunos fazendo com que os mesmos chegassem a uma resposta partindo do conhecimento prévio deles, quando tal empreitada não se mostrou possível os bolsistas formularam as respostas de acordo com o que estava sendo trabalhado na intervenção.

No segundo momento da aula foi iniciado o trabalho com a fonte (o testamento de um africano alforriado, Gaspar, referente ao seu sepultamento). Pediu-se a voluntarização para que um dos alunos iniciasse a leitura da mesma para a turma. Durante a leitura a aluna T teve dificuldade com a mesma, devido a escrita do século XVIII ser diferente da que os discentes estão acostumados. Mesmo com tal dificuldade a aluna conduziu a leitura até o fim, no final da leitura os bolsistas falaram que tal dificuldade em ler um documento do século XVIII é normal já que a escrita e a fala possui uma historicidade e, por isso, não se mantém a mesma com o passar do tempo. Após a leitura foi trabalhado junto aos estudantes a análise do documento. Os bolsistas explicaram que o caso do Gaspar era um homem preto atípico, já que

o mesmo conseguiu ser alforriado e juntar dinheiro para um sepultamento perto do altar e deixado pago vinte missas. Procurou-se fazer uma análise interna e externa da fonte, fazendo perguntas de âmbito mais geral para os alunos, sobre: O que é o documento? De quando ele é? Do que trata? Para quem foi produzido? e Qual a finalidade dele? E, logo após, foram analisados os pontos mais específicos sobre a fonte, por exemplo o motivo pelo qual Gaspar deixou um testamento, solicitando um enterro com ritos católicos, as razões de ter pago vinte missas e se observar a significação do local em que foi sepultado. Ao término da análise foi perguntado aos discentes se eles teriam alguma dúvida ou algo mais a acrescentar sendo a resposta dos mesmos negativa, se concluiu a exposição e se passou para a entrega da atividade avaliativa, com a explicação da mesma e findado esse procedimento o professor supervisor retomou a regência finalizando a aula e dispensando a turma.

## **AValiação dos Resultados**

Para avaliar os resultados obtidos pela aula, foi proposta atividade composta por duas questões na qual a primeira consistia na análise interpretativa contextualizada da fonte trabalhada em sala e a segunda um excerto de trabalho de Maria Lemke Loiola, cujo objetivo foi o de articular a cognição crítica com a interpretação.

Com a primeira questão o objetivo foi compreender a assimilação de aspectos culturais, pelos negros, como meio para a sua mobilidade social em busca de uma equidade. Porém se verificou que esse não foi alcançado de modo geral, diante das respostas dos discentes, o aspecto da religiosidade do período foi o que foi apreendido, e o fato de Gaspar ser um homem negro que buscou os ritos católicos não se evidenciou como um ponto chave para a interpretação desta tentativa de inserção na sociedade de forma equitativa. O foco na resposta dos discentes foi o aspecto da religiosidade. Como exemplo<sup>2</sup> temos a seguinte resposta do discente X:

A razão pela qual Gaspar, homem alforriado, deixou paga vinte missas para a igreja é que no século XVIII era bastante comum que as pessoas fizessem testamentos e neles deixassem alguns bens a Igreja, ou como Gaspar fez, pagasse algumas missas. Esse ato era realizado pois se tinha em mente que quem não

---

2 Todas as respostas dos discentes foram reproduzidas na íntegra, mantendo assim erros gramaticais e demais erros de escrita.



contemplasse a Igreja se arriscava a perder a salvação, ou seja, quem não deixasse bens para a Igreja corria o risco de sofrer a degeneração do sacramento, impossibilitando a salvação. Nessas circunstâncias aqueles que pertenciam as Igrejas Católicas e irmandades deixaram em seu testamento algum bem, nem que mínimo a Igreja, para assegurar sua salvação após a morte.

Sobre a resistência propiciada pelas irmandades dos homens pretos, objeto da segunda questão, se notou que 35% dos discentes compreenderam a questão e formularam a resposta, utilizando elementos da aula para a construção da argumentação de maneira a demonstrar que as irmandades foram espaço de resistência, segue transcrita resposta de estudante M.

As irmandades eram uma instituição religiosa que serviam como forma de socialização e para os africanos além desse aspecto ela servia como um órgão protetor, pois a Igreja católica era contra a violência aos mesmos, sendo assim os senhores donos de escravos se sentiam impossibilitados de violentá-los, principalmente aqueles que pertenciam a irmandade, já que nessa situação haveria mais chance dos senhores serem denunciados a autoridade da irmandade.

Independente da religião de origem que se tinha, ao chegar no Brasil era quase impossível não pertencer a manifestação religiosa do catolicismo, assim negros começaram a participar das irmandades que serviam como canal de acesso ao meio social brasileiro e como um espaço de reconstrução da identidade étnico-racial. Em sua maioria as pessoas que entravam nas irmandades tinham o objetivo de elevação dos status social, no caso dos escravos eles acabaram por ser tratados de forma diferente.

Por mas que os africanos se convertecem ao catolicismo eles não deixavam por completo suas raízes, tanto que houve algumas conformidades entre os santos da Igreja Católica e os orixás do candomblé.

As irmandades assumiam a assistência médica e jurídica, ajuda nos momentos de crise financeira e os funerais tanto dos membros quanto dos familiares deles, além disso ainda se responsabilizava pela compra de alforrias. Partindo de todos esses aspectos se pode compreender o porque das participações dos africanos nas irmandades e como ocorria essa participação, o espaço que eles ocupavam, pois mesmo que os brancos ocupassem um status maior os negros acabaram por serem reconhecidos e respeitados.

Contudo para a metade, dos discentes, houve confusões pontuais sobre as diversas irmandades, quanto a vê-las distintas entre si e não se construiu argumentos concisos sobre o seu papel de resistência, como exemplo segue a resposta do discente Y.

A Irmandades era povos que se dividiam em grupos de diferentes raças sendo eles brancos, brancos e pretos e homens livres, para participar de comemorações católicas.

Essas comemorações católicas, homenageavam os santos. Os africanos comemoravam os dias dos santos católicos homenageando a sua cultura com músicas e danças de sua tradição, assim se tornava uma ameaça diante dos católicos não

africanos pois para eles eram um dia sano e toda exaltação deveria ser voltada aos santos. Isto aconteceu devido o ambiente comum em que os católicos e africanos viviam.

E para 15% dos discentes a questão do negro escravizado foi ocultada, o que tornou a irmandade um espaço de proteção social, deste modo se evidenciou que a articulação das ideias para a construção do conhecimento acerca desta como espaço de resistência mediante assimilação não se alcançou, se percebe que há dificuldade em escrever e falar a palavra negro. No trecho da resposta, abaixo, não evidencia quem eram essas pessoas que buscavam essa proteção ou a razão de procura por esse acolhimento conforme expresso na resposta do discente G.

Irmandades eram os lugares onde as pessoas pagavam para ter uma segurança maior pois seriam protegidas pela igreja assim, poderiam ser acolhidos tanto emocionalmente, quanto materialmente, etc. As irmandades eram uma espécie de família para eles.

## **CONCLUSÃO**

Ao analisar os resultados se verificou que o não alcance de alguns objetivos ocorreu em face da execução não haver se atido, no primeiro exercício, a questão central que nortearia o trabalho de análise com a fonte, que circunscrevia a assimilação da cultura na busca de equidade social. Foi possível observar que para a questão 2 se poderia ter a estruturado de outra forma, por meio da colocação de múltiplas questões para condução gradativa da resposta interpretativa. Essas falhas na elaboração dos exercícios e aula foram úteis para percepção da própria formação docente ao mesmo tempo que possibilitou evidenciar que a história e cultura africana e afro-brasileira necessita estar presente no cotidiano escolar, uma vez que há dificuldade no trato da temática pelos docentes, bem como pelos alunos que naturalizam ou não conseguem expressar apreensão acerca da relação entre africanos e europeus no período em que o Brasil era colônia de Portugal.

Embora tenham se evidenciado falhas pontuais na execução da intervenção, a autocritica para evidenciá-las foi um dos aspectos positivos no processo formativo, no qual a pesquisa se tornou um fundamento para prática docente, constituindo desta forma instrumentos que possibilitaram a avaliação e reavaliação dos procedimentos adotados e na busca de temas que são poucos explorados no ensino e que se aproximem da realidade do alunado.

## REFERÊNCIAS

- DUARTE SILVA, Luana; DE PAULA, Maria Helena. Linguagem e cultura: considerações sobre os homens pretos da irmandade de “Arraial de Bomfim de Goñaz”. *Linguagem–Estudos e Pesquisa*, Catalão-GO, vol. 16, n. 2, p. 75-90, jul./dez. 2012. Disponível em: <[revistas.ufg.emnuvens.com.br/lep/article/download/33535/17736](http://revistas.ufg.emnuvens.com.br/lep/article/download/33535/17736)>. Acesso em 12 de abril de 2016.
- LOIOLA, Maria Lemke. *Trajetórias Atlânticas, Percursos para a Liberdade: africanos e descendentes na capitania dos Guayazes*. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2008. Disponível em: <[https://portais.ufg.br/up/113/o/LOIOLA\\_Maria\\_Lemke.pdf](https://portais.ufg.br/up/113/o/LOIOLA_Maria_Lemke.pdf)>. Acesso em 12 de abril de 2016.
- MORAES, Cristina de Cássia Pereira. *Do Corpo Místico de Cristo: irmandades e confrarias na capitania de Goiás (1736-1808)*.
- REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg3-1.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf)>. Acesso em 13 de abril de 2016.
- RODRIGUES, Cláudia. Morte, catolicismo e africanidade na cidade do Rio de Janeiro setecentista. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 31-52, outubro de 2010. Disponível em: <[www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/12649](http://www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/view/12649)>. Acesso em 11 de abril de 2016.
- SIMÃO, Maristela dos Santos. *As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII*. 2010. 108 f. Dissertação (Mestrado em História da África) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Goiânia. 2010. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3386/1/ulfl087125\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3386/1/ulfl087125_tm.pdf)>. Acesso em 12 de abril de 2016.

## **ANEXOS**

### **Roteiro da aula.**

#### **Passos 1 e 2**

Instigar: Quem eram as pessoas que habitavam Goiás no século XVIII? Qual era a condição do negro e do branco? Que religião era a vigente? (Assim apreender qual o imaginário histórico dos discentes, e problematizar as falas de modo a contextualizar o período e os sujeitos (possivelmente inserirão o indígena e o escravo será automaticamente a condição do negro, ou seja, não dirão negro e sim escravo, logo é um ótimo gancho para problematizar essa ideia “naturalizada” apontando que: Eram seres humanos de regiões distintas do continente africano com línguas e culturas diferentes entre si e que eram traficados para o Brasil e que de acordo com suas habilidades distribuídos, exemplo da Costa do Ouro vieram os da nação Mina que possuíam avançadas técnicas de mineração, de Angola os agricultores e etc.) quando falar do conflito é importante assinalar que Todo negro era preto mas nem todo preto era negro, Negro sendo usado para designar a condição de bandido, rebelde e etc. E se questionarem: “Ah, porque então se usa esse termo hoje, se era sinônimo de algo ruim?” O uso é político, assim como raça, a insurgência e rebeldia, passam a significar luta por condições dignas e equidade social.)

USAR A LOUSA PARA ANOTAR OS APONTAMENTOS DOS ALUNOS.

#### **Passo 3**

Na religião, vão dizer que era a católica, com 99% de certeza, então é o momento de instigá-los sobre os africanos, escravizados, forros e seus descendentes,, qual a religião deles? E no decorrer falar sobre os batismos o que isso representava e as irmandades, trabalhando as relações entre africanos e europeus. O que dará para ensejo para tratar o documento.

#### **Passo 4**

O que é o documento?

De quando é o documento?

Do trata?

Para quem?

Enfim analisar interna e externamente o documento, com a leitura participativa dos discentes.

**Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG Campus – Aparecida de Goiânia.**

**Disciplina: História PIBID – IFG Campus Goiânia Bolsistas: Sabrina Alves e Welton Marques**

Irmandades religiosas de africanos e seus descendentes no século XVIII

**Documento:** Livro de registro de óbitos de Meia Ponte 1760-1776. p. 38

“Aos dez dias do mez de Setembro de mil Setecentos e Secenta e Seis annos, falleceu da vida prezente com todos os sacramentos, e foi sepultado na Capella de Nossa Senhora do Rozario dos Pretos junto aos degraos da Capella mor, filial desta Matriz [...] Gaspar homem preto forro de nação minna, que teria a idade de sincoenta annos, pouco maiz ou menoz, e Fez seu Testamento, em que declarou que o acompanhasse o seu Reverendo Parocho, e lhe disse no dia do seu falecimento, se podesse ser, missa de corpo prezente, e deixou mais ao alvidrio de seu testamenteiro, lhe mandasse dizer aonde lhe parecer, vinte missas, pela sua alma; e era cazado com Domingas Machado, crioula forra [...]”

**Textos historiográficos:**

**Texto 1:** “[...] as irmandades setecentistas valorizavam a devoção ao santo protetor mediante as festas, palco de encontros, espaço de sociabilidades, momento em que escravos e libertos invertiam as hierarquias sociais. As festas poderiam se transformar rapidamente numa ameaça à população”. (LOIOLA, Maria Lemke. Trajetórias atlânticas, percursos para a liberdade: africanos e descendentes na capitania dos guayazes. 2008, p.79.)

**Texto 2:** “Para a Igreja, as Irmandades constituíam uma forma bastante efetiva de incentivar a conversão do africano que chegava à América. Por outro lado essas populações imprimiam suas características nessas associações. Dentro de uma sociedade escravista fortemente hierarquizada e repressiva e na qual se encontrava grandes dificuldades para suas expressões culturais públicas, estes espaços constituíam um lugar privilegiado para o exercício das sociabilidades e manifestações que, muitas vezes, remetiam a suas origens em África.” (SIMÃO, Maristela dos Santos. As irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os africanos no Brasil do século XVIII. 2010, p.91.)



